

**MNEMOSYNE NA TERRA DO NUNCA: MEMÓRIA E ESQUECIMENTO EM  
*PETER E WENDY*, DE JAMES BARRIE.  
(*MNEMOSYNE IN NEVERLAND: MEMORY AND FORGETTING IN PETER AND  
WENDY BY JAMES BARRIE*).<sup>1</sup>**

**Heitor Tavares Zanoni<sup>2</sup>**

**Resumo:** Este artigo visa analisar o livro *Peter e Wendy* (1911), de James Barrie, do ponto de vista da memória e do esquecimento. A pretensão é fazer uma comparação entre os personagens Peter Pan e Wendy Darling, pois enquanto Peter é o garoto que se recusa a crescer e não se recorda de suas aventuras por muito tempo, Wendy é uma garota que conserva uma excelente memória, garantindo que a trama se desenvolva oscilando entre os reinos da fantasia e da realidade, e permitindo que os limites desses dois domínios não sejam ultrapassados. Assim, no presente artigo, busca-se, primeiramente, realizar uma retomada histórica sobre os principais estudos e estudiosos clássicos da memória, para em seguida analisar o livro em questão. A conclusão a que foi possível chegar é que a memória liga o presente ao passado. Ela apresenta ao ser humano o processo pelo qual ele se constituiu, ou seja, como foi construída a sua identidade, como são construídas suas diferenças em relação aos demais. É por meio da memória que temos a singular capacidade de nos admirarmos diante do que se apresenta como novidade. Ainda assim, estamos sempre oscilando entre a memória e o esquecimento, entre o ser e o não ser mais. Esse é um dos grandes mistérios da vida humana, pois precisamos de ambos os domínios para viver. Memória e esquecimento fazem parte da vida dos seres humanos, e é necessário saber transitar entre os dois, para que possamos construir nossas identidades e saber lidar com nossas diferenças.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil; Memória; Esquecimento; *Peter e Wendy*; James Barrie.

**Abstract:** this article aims to analyze the book *Peter and Wendy* (1911), James Barrie, from the point of view of memory and forgetting. The intention is to make a comparison between the characters Peter Pan and Wendy Darling, because while Peter is the boy who refuses to grow up and not remember their adventures for a long time, Wendy is a girl who retains an excellent memory, ensuring that the plot develops oscillating between the realms of fantasy and reality, and allowing the boundaries of these two areas are not exceeded. Thus, this paper seeks to, first, make a return on historical scholarship and classical scholars of memory, then to analyze the book in question. The conclusion that was reached is that memory connects the present to the past. It presents the human process by which it was constituted, ie, how it was constructed their identity as their differences are constructed in relation to others. It is through memory that we have the unique ability to admire the face of what is presented as news. Still, we are always oscillating between memory and forgetting, between being and not being more. This is one of the great mysteries of human life, because we need both areas to live. Memory and forgetting are part of the life of human beings, and it is necessary to learn how to transit between the two, so we can build our identities and deal with our differences.

**Keywords:** Children's Literature, Memory, Forgetting, Peter and Wendy, James Barrie.

1 Trabalho apresentado como requisito parcial para aquisição de nota na disciplina "Literatura, Memória e Identidade Cultural", ministrada pelo Prof. Dr. Leonardo Francisco Soares, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFU (Universidade Federal de Uberlândia) – Mestrado em Teoria Literária.

2 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFU (Universidade Federal de Uberlândia), localizada em Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. CEP: 38408-100.



## Introdução

No início surgiu Gaia (Terra). E, antes de tudo, gerou para si própria Urano (Céu). Uniram-se e, juntos, geraram uma vasta descendência composta por vários seres fantásticos. Entre as categorias de seres, foram gerados os Titãs e as Titânides. Dentre as Titânides, nasceu Mnemósine, a personificação grega da memória.

O mais jovem dos Titãs, Cronos (Tempo), castrou com um golpe de foice seu pai Urano, derrubando seu governo despótico e se tornando o governante, mais despótico do que o pai. Cronos se casou com uma de suas irmãs Titânides, Réia, que gerou seis filhos, três mulheres e três homens. Um oráculo, porém, previu que um dos filhos de Cronos o destronaria. Por isso, o governante passou a devorar, um por um, seus filhos que nasciam. Mas Réia decidiu que não o deixaria devorar o sexto filho, chamado Zeus. A mãe, então, escondeu o filho em uma caverna no Monte Ida, em Creta, e deu a Cronos uma pedra para ser devorada.

Ao atingir a idade adulta, Zeus destronou o pai e obrigou-o a vomitar todos os seus irmãos. Para celebrar a vitória, Zeus uniu-se a Mnemósine durante nove noites consecutivas. Como resultado, a Titânide deu origem a nove filhas, que foram chamadas de Musas, e tinham o dom de inspirar as artes e as ciências. Devido a isso, os famosos poetas gregos afirmavam que as Musas os inspiravam e que tudo o que diziam era apenas a repetição do que provinha delas.

Para este artigo, o que interessa mais de perto é a mãe das Musas, Mnemósine. Ela era aquela que preservava os seres do esquecimento. Divinizada pela Grécia arcaica, a memória é aquela que tudo sabe, que liga o presente ao passado. Mnemósine conduz o coro das Musas, e a poesia se torna um delírio divino, sendo o poeta o próprio intérprete da deusa da memória. É isso que canta Hesíodo em sua *Teogonia*<sup>3</sup>. O lugar da memória se torna, pois, o lugar da imortalidade, onde o passado fica resguardado e pode ser retomado pelo ato de recordar.<sup>4</sup> Porém, as musas são capazes, também, de dizer mentiras, muito semelhantes às verdades; sendo assim, o passado, por mais que seja resguardado, não está isento de ser alterado e/ou manipulado.

Mas o que aconteceu ao homem ocidental contemporâneo? Qual é a sua atual concepção da memória? A preocupação, hoje, foge do campo da mitologia e habita o campo das ciências. Existe uma gama de estudos que perpassam pelos conceitos de memória, tradições, esquecimento, etc. De acordo com Gagnebin (2006), na história, na

3 HESÍODO. *Teogonia: A Origem dos Deuses*. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2001.  
4 ROSÁRIO, 2002.



educação, na filosofia, na psicologia, a memória se tornou um verdadeiro compromisso ético: é necessário preservá-la, salvar o passado, resgatar as tradições. Porém, essas preocupações apenas existem, pois o homem contemporâneo tem se distanciado das verdadeiras fontes da memória viva, tais como as tradições orais e coletivas. A modernidade e a questionada pós-modernidade<sup>5</sup> inseriram o ser humano em um momento histórico de desvalorização do antigo e da busca incessante pelo novo, proliferando as noções de obsoleto e descartável. Nunca se consumiu tanto e nunca se produziu tanto lixo na história da humanidade.

Considerando essas duas interpretações da memória (a memória mítica e a memória contemporânea), somos remetidos à oposição/relação entre memória e esquecimento. Lendo o livro *Peter e Wendy* (2011), de James Matthew Barrie, essa conexão aparece de maneira ímpar. Wendy Darling é a garota nascida e criada em uma tradicional família inglesa do início do século XX, em que as mulheres são educadas para cuidar da casa, dos filhos e do marido. Nesse sentido, esquecer-se de alguma atividade é um erro grave e o ócio é um perigoso veneno para a alma feminina. Por outro lado, Peter Pan é o garoto que, resistindo à possibilidade de crescer e se tornar um homem adulto, foge para a Terra do Nunca, um lugar que compõe a mente de todas as crianças, onde elas não precisam crescer nem seguir as regras firmadas pelos adultos.

Wendy e Peter possuem noções bastante diversas em relação ao tempo e à memória. Como explicar a disciplina de Wendy e o seu rigor para com todas as atividades que ela realiza com os Meninos Perdidos na Terra do Nunca? Como explicar os motivos que fazem Peter esquecer-se até mesmo das pessoas mais próximas a ele, tais como a fada Sininho e seu arqui-inimigo Capitão James Hook (o temível Gancho)?

São estas questões que este artigo buscará responder. Ao longo do texto, tentar-se-á estabelecer uma comparação entre a memória de Wendy e o esquecimento de Peter Pan. Para isso, serão utilizados textos que versam sobre questões relacionadas à memória, à elaboração do passado e às diversas maneiras de interpretar a categoria tempo.

Mas, antes disso, é necessário realizar um percurso através de alguns séculos da história da humanidade. O intuito é que se entenda melhor as origens e os desenvolvimentos dos estudos referentes à memória.

---

<sup>5</sup> Por não serem temas deste artigo, não serão trabalhadas aqui discussões que aprofundem as questões referentes à modernidade e à pós-modernidade. Para saber mais sobre assunto, ver: ANDERSON, P. *As Origens da Pós-Modernidade*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.



## Memória: um pouco de história

Pelo que consta na história, os gregos sempre apresentaram um apreço especial pela memória. É por isso que sua mitologia abre este artigo, uma vez que, em termos simbólicos, a mitologia diz muito a respeito dos seres humanos. Mas a dedicação grega à memória (entendida como uma arte) não ficou restrita à mitologia.

Cícero (106 a.C – 43 a.C.), em sua obra *De oratore*, conta que em um banquete oferecido por Scopas, um nobre da Tessália, o poeta Simônides de Ceos declamou um poema lírico que fazia uma homenagem a Scopas, mas incluiu uma passagem louvando Castor e Pólux, os deuses gêmeos. Scopas, contrariado, disse que pagaria apenas metade do valor combinado ao poeta, e a outra metade ele deveria cobrar dos deuses a quem ele dedicou parte do poema. Em certo momento, Simônides foi informado de que dois jovens o esperavam do lado de fora do banquete, pois queriam conversar com ele. Ele saiu, mas não encontrou ninguém. Quando voltou, o teto do salão havia desabado e todos os presentes, inclusive o anfitrião, estavam mortos e irreconhecíveis. Mas Simônides conseguia se lembrar dos lugares em que cada um estava sentado e pôde, por meio de sua memória, indicar aos parentes quais eram os seus respectivos mortos. Essa experiência traçou para o poeta os princípios da chamada mnemônica (a arte da memória), da qual ele é considerado o fundador.<sup>6</sup>

Simônides de Ceos (556 – 468 a.C.) foi um extraordinário poeta grego pertencente à era pré-socrática. Sua contribuição à arte da memória foi muito significativa. Cícero atribuiu a Simônides o fato de a mnemônica se basear na superioridade do sentido da visão em relação aos outros sentidos. Afinal, foi graças à sua visão, associada à sua memória, que ele pôde distinguir os cadáveres dos convidados do banquete. As origens da mnemônica são ainda incertas: alguns acreditam que esta arte teve início com Pitágoras, outros consideram que há influências egípcias, e existem os que buscam as origens nos aedos<sup>7</sup> e nos narradores. O que nos cabe aqui é que Simônides teve o mérito de traduzir em regras a mnemônica já praticada nos tempos da tradição oral.

Depois do aclamado poeta grego, é possível encontrar referências à arte da memória em vários filósofos. Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.), por exemplo, conhecia a chamada memória artificial (aquela que pode ser treinada e desenvolvida), pois se refere a ela em seus escritos. Em *De memoria et reminiscencia*, o filósofo expõe regras de desenvolvimento da memória que só voltariam a aparecer no clássico tratado *Ad Herennium*, bastante tempo depois. Além disso, Aristóteles baseia seus escritos sobre a memória em sua teoria do conhecimento, explicitada em *De anima*. Segundo ele, as

<sup>6</sup> YATES, 2007, p. 17 – 18.

<sup>7</sup> Aedos eram, na Grécia antiga, artistas que compunham e cantavam epopeias.



percepções trazidas pelos sentidos são primeiramente tratadas pela imaginação, e as imagens formadas nesse processo formam a faculdade intelectual. Assim, tanto a mnemônica quanto a teoria aristotélica percebem a preponderância das imagens no processo intelectual. Para o filósofo, a memória e a imaginação pertencem à mesma parte da alma, e a memória nada mais é do que um conjunto de imagens mentais acrescido de um elemento temporal, pois as imagens provêm do passado e não do presente.

Platão (427 a.C. – 347 a.C.) também teorizou sobre a memória. Mas, diferentemente de Aristóteles, ele considerou que há um conhecimento que não é derivado das impressões sensoriais. Segundo Platão, há em nossas memórias os moldes das Ideias, das realidades que a alma já conheceu. Assim, o verdadeiro conhecimento consiste justamente em experimentar as marcas das impressões sensoriais nos moldes dessa realidade superior, denominada de Mundo das Idéias. O mundo sensível é, portanto, apenas um reflexo, uma cópia imperfeita do Mundo das Idéias. Dessa forma, o conhecimento da verdade consiste em uma rememoração.

Metrodoro de Scepsis, alguns séculos depois, pertenceu ao período tardio da história da retórica grega, e baseou seus estudos da memória no zodíaco. Segundo Quintiliano (35 d.C. a 95 d.C.), Metrodoro conseguiu descobrir trezentos e sessenta lugares nos doze signos do zodíaco. Assim, acredita-se que, mais uma vez utilizando o recurso visual das imagens, Metrodoro serviu-se das imagens astrológicas como lugares que garantiriam a ordenação da memória, uma vez que é fácil decorar a ordem fixa dos doze signos do zodíaco.

Com a história do poeta Simônides de Ceos e a utilização de sua memória para identificar os cadáveres do banquete, Cícero, em sua obra *De oratore*, tenta demonstrar a memória como sendo uma das cinco partes da retórica. Além da obra de Cícero, outras duas descrições da mnemônica atravessaram o tempo e persistem desde a Grécia arcaica: a primeira é *Ad C. Herennium libri IV*, de autor anônimo, e a segunda é *Institutio oratoria*, de Quintiliano.

Essas três referências constituem, segundo Yates (2007), as três fontes latinas da arte clássica da memória. Esta arte, sendo pertencente à retórica, era tida como uma técnica que garantia que o orador aprimorasse sua memória para desenvolver extensos discursos, de cor e com grande precisão. Em *Ad Herennium*, o autor desconhecido trata das cinco partes da retórica, a saber: *inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *memoria* e *pronuntiatio*. Cícero as define da seguinte maneira:

A invenção é o exame aprofundado de coisas verdadeiras (res) ou



de coisas verossímeis para tornar uma causa plausível; a disposição é arranjar em ordem as coisas já descobertas; a elocução é adaptar as palavras (verba) convenientes às (coisas) inventadas; a memória é a percepção firme, pela alma, das coisas e das palavras; a pronúncia é o controle da voz e do corpo para se adequar à dignidade das coisas e das palavras.<sup>8</sup>

Quando o autor do *Ad Herennium* se debruça sobre a temática da memória, ele aponta para a existência dos dois tipos de memória que já haviam sido trabalhados por Simônides e pelos filósofos. “[...] A natural é aquela inserida em nossas mentes, que nasce ao mesmo tempo que o pensamento. A memória artificial é aquela reforçada e consolidada pelo treinamento. [...]”<sup>9</sup>. Nessa seção do texto, há um enorme peso histórico. Ela é baseada em fontes gregas de ensino da memória, muito provavelmente contando com a colaboração de tratados gregos de retórica já desaparecidos. Por isso, o *Ad Herennium* é o único tratado latino conservado a respeito desta temática, uma vez que os escritos de Cícero e de Quintiliano não são tratados completos e pressupõem alguma familiaridade do leitor com o tema trabalhado.

O autor do tratado citado estabeleceu um conjunto de regras e técnicas para que os oradores pudessem desenvolver sua memória artificial, decorando com mais facilidade seus discursos. Em seguida, Cícero se baseia nas mesmas regras para falar sobre o assunto, em *De oratore* (obra concluída em 55 a.C.). Este último sintetiza as regras em seu texto, tornando claros os princípios básicos da mnemônica:

Consequentemente (para não ser prolixo e entediante sobre um assunto que é bem conhecido e familiar a todos), deve-se empregar um grande número de lugares, que devem ser bem iluminados, claramente ordenados, a intervalos regulares (...); e imagens ativas, nitidamente definidas, incomuns, que tenham a capacidade de rapidamente impressionar e penetrar a psique (...).<sup>10</sup>

Ou seja, as recomendações dos autores são de que o orador estabeleça em suas mentes lugares específicos, iluminados, espaçosos o suficiente para que possam caber suas imagens. As imagens servem para lembrá-lo de coisas ou de palavras que compõem o texto a ser decorado. Por isso, elas devem ser impactantes, ativas e simbólicas. Disso se retira que existe a memória para coisas (*memoria rerum*) e a memória para palavras (*memoria verborum*). As coisas são os temas e as ideias que aparecem no discurso, enquanto as palavras são a linguagem que reveste estes temas. Nesse sentido, é mais fácil desenvolver uma memória para coisas do que uma memória para palavras, que

8 CÍCERO, *De inventione*, I, VII, p. 9 apud YATES, 2007, p. 25.

9 YATES, 2007, p. 21.

10 CÍCERO, *De oratore*, I, XXXIV, p. 358 apud YATES, 2007, p. 35.



exigirá do orador um lócus bastante complexo e um número significativo de imagens.

Cícero retomou em seus escritos as posições platônica e pitagórica que consideram a alma como imortal e de origem divina. Para ele, uma prova disso é que a alma possui memória. O poder que a alma possui de recordar coisas e palavras e o seu poder de invenção são, para o filósofo, provas de sua divindade.

No século I d.C., em Roma, Quintiliano, um professor de retórica, escreveu *Institutio oratoria*. Porém, ele desenvolveu algumas ideias de maneira diferente em relação aos dois autores anteriores. Segundo ele, algumas pessoas preferem dividir a retórica em apenas três partes, pois *memoria* e *actio* são dadas ao ser humano pela própria natureza e não pela arte. Partindo deste ponto de vista, Quintiliano interpreta de maneira ambígua a memória artificial, embora ofereça a ela grande importância. Ainda assim, este autor tende a concordar com a técnica de desenvolvimento da memória artificial, definida pelos dois autores anteriormente mencionados. Segundo ele, o estabelecimento de lugares na mente do orador pode ajudá-lo a desenvolver a memória, pois os lugares trazem associações pertinentes, tais como quais pessoas (ou objetos) encontram-se nesses lugares e o que fazem ali. Dessa maneira, por mais numerosos que sejam os detalhes que precisam ser lembrados, é certo que todos estão interligados. Quintiliano simplifica as técnicas já mencionadas da mnemônica e, assim, se distancia de Cícero e do autor do *Ad Herennium*. Ele substitui as imagens simbólicas e ativas dispostas nos lugares pelas próprias palavras do discurso. Dessa maneira, caminhando pelos lugares fixados na mente, o orador pode resgatar os trechos do discurso que precisam ser lembrados.

Aproximadamente três séculos depois, Agostinho (354 d.C. – 430 d.C.), o professor pagão de retórica, depois convertido ao cristianismo, também meditou muito profundamente a respeito da memória e da alma, como o fez em outros tempos Platão e Cícero. Após a leitura de seus escritos sobre memória, tem-se a impressão de que Agostinho foi treinado dentro das regras e dos padrões estabelecidos pela mnemônica clássica. Ele relata sobre imagens advindas de impressões sensoriais, guardadas na memória. Ele descreve a memória como um universo vasto refletido em imagens, que reproduzem os objetos e os espaços entre eles. Nela cabem todos os conhecimentos adquiridos, assim como os afetos, os sentimentos, a personalidade, etc. Como cristão, Agostinho procura Deus em sua memória, pois inspirado em Platão, acredita que o conhecimento do divino é inato a ela. Para este filósofo, a memória era um dos três poderes da alma: Memória, Intellecto e Vontade, que representavam a Trindade no ser humano.



Das três fontes latinas da arte clássica da memória, a posterior tradição da memória ocidental preferiu se fundamentar nos preceitos firmados pelo desconhecido autor do *Ad Herennium*. Depois da filosofia, a memória tornou-se objeto de estudo da história, da educação, da psicologia, entre outras áreas científicas. Não caberiam aqui as inúmeras referências da ciência em relação a ela, não mais entendida como uma arte, mas sim como um objeto de pesquisa, como um atributo humano que deve ser investigado, analisado, compreendido e, possivelmente, aprimorado.

### **Peter Pan e Wendy Darling: entre a memória e o esquecimento**

*Peter e Wendy* é o livro mais famoso do escritor escocês James Matthew Barrie (1860 – 1937). Em 1896, o escritor produziu duas obras importantes. A primeira foi a biografia de sua mãe, intitulada *Margaret Ogilvy*. A segunda obra foi o romance *Sentimental Tommy*, que, assim como a sua continuação *Tommy and Grizel* (1900), trouxe ao público o seu mais famoso personagem, Peter Pan. O garoto também apareceu em alguns capítulos do romance *The Little White Bird* (1902), que depois foram publicados em um volume intitulado *Peter Pan em Kensington Gardens* (1906). Mas Peter Pan conseguiu uma história só para ele apenas em 1904, com a peça teatral *Peter Pan, or The Boy Who Would Not Grow Up*. O sucesso da peça foi enorme e, por isso, ela foi transformada no romance *Peter e Wendy* em 1911.

Peter Pan é o garoto que se recusou a crescer. Certo dia, quando ainda era muito pequeno, ouviu seus pais comentarem sobre o que ele seria quando se tornasse grande. Assustado com as perspectivas, Peter Pan fugiu de casa e voou para a Terra do Nunca, um lugar que compõe a mente de todas as crianças, no qual elas não precisam se submeter às regras dos adultos e, o mais importante, onde elas não precisam crescer. Desde então, ele passou a usar uma roupa feita de folhas secas e tornou sua infância uma experiência excitantemente real e perigosa, pois na Terra do Nunca as brincadeiras e o “faz-de-conta” são levados a sério, podendo causar doenças e morte.

Na Terra do Nunca moram, também, os Meninos Perdidos. Estes são garotos que as mães ou as babás deixaram cair de seus carrinhos, quando eram menores. Se não são procurados dentro de sete dias, são levados pelas fadas para a Terra do Nunca, onde eles vivem em uma casa que fica embaixo da terra. Deste ponto de vista, a Terra do Nunca é um lugar de lembranças (pois diz-se que todas as crianças voam para ela durante o sono e ela guarda as mais reais aventuras de suas infâncias), mas é também um lugar de esquecimento (os que ali habitam permanentemente são aqueles que já foram esquecidos por suas famílias e entes queridos).



Prova disso é o próprio Peter Pan que, segundo ele, tentou retornar para casa em determinada ocasião. Mas chegando lá, encontrou a janela fechada e em sua cama havia outra criança, sinal inequívoco de que seus pais já o haviam esquecido e substituído. Na Terra do Nunca também existem as feras da floresta, as sereias da laguna, os peles-vermelhas (índios), as fadas e os piratas, representando um verdadeiro jogo de forças em que um grupo de personagens está sempre perseguindo outro.

Peter Pan conhece Wendy nas ocasiões em que ia a casa dela ouvir as histórias que sua mãe contava a ela e a seus irmãos. Na Terra do Nunca, não havia ninguém para contar histórias para os Meninos Perdidos. Em uma noite, porém, o Sr. e a Sra. Darling haviam ido a uma reunião formal e a babá, uma cadela da raça São Bernardo chamada Nana, havia sido trancada do lado de fora da casa, devido a uma discussão em família. Peter convida Wendy, então, para ser a mãe dos Meninos Perdidos e para contar histórias a eles. Encantados pelo convite e pelas promessas feitas por Peter Pan, Wendy e seus irmãos voam para a Terra do Nunca e lá vivem inesquecíveis aventuras. Mas Wendy se recusa a esquecer-se de sua família e a Sra. Darling sempre deixou a janela aberta para que as crianças pudessem voltar. Por isso, contrariando a vontade de Peter e animando as expectativas dos Meninos Perdidos, Wendy resolve retornar para casa e propõe que todos voltem com ela, pois com certeza seus pais adotariam o restante das crianças.

Peter Pan opta por não ir, mas aceita, contrariado, a ida de todos. Com o consentimento da Sra. Darling ele retornaria sempre à primavera para buscar Wendy para passar uma semana na Terra do Nunca. Mas o garoto, por ser muito esquecido, nem sempre se lembrou disso. Assim, ao longo dos anos, Peter aparecia de vez em quando para buscar Wendy. Mas, depois Wendy cresceu e Peter buscava sua filha, Jane. Certa vez, Jane também cresceu e Peter veio buscar sua filha, Margaret. E assim aconteceu sucessivamente, ao longo de várias gerações.

O primeiro aspecto relevante a ser mencionado aqui é a própria existência da Terra do Nunca. Segundo Barrie, em seu livro, a Terra do Nunca é uma criação particular de cada criança. Ela pode ser entendida como uma imagem simbólica do Mundo das Ideias definido por Platão, onde são encontradas as realidades que a alma vivenciou antes de chegar à Terra.<sup>11</sup> Outra interpretação para este lugar criado por James Barrie é, utilizando os termos dos antigos estudiosos da mnemônica, considerar a Terra do Nunca como o *loci*<sup>12</sup> da mente das crianças, o conjunto de lugares em que elas colocam as imagens e objetos dos quais querem se lembrar e que podem recuperar sempre que precisarem. Mas, há neste ponto um diferencial: os *loci* são utilizados pelos autores da mnemônica como uma técnica de desenvolvimento da memória artificial. Porém, a

11 PLATÃO, Fédon, p. 75 apud YATES, 2007, p. 57.  
12 YATES, 2007.



Terra do Nunca parece compor a memória natural das crianças, pois a construção dela é um processo natural e inevitável da infância. Isso fica claro, quando Barrie escreve:

Não sei se você já viu o mapa da mente de uma pessoa. Os médicos às vezes desenham mapas de outras partes do nosso corpo, e esse mapeamento pode vir a ser algo interessantíssimo, mas veja como é quando eles tentam desenhar o mapa da mente de uma criança, que não apenas é confusa como ainda fica girando o tempo todo. Há linhas em zigue-zague no mapa, como num gráfico de temperatura corporal, e elas são provavelmente estradas da ilha; pois a Terra do Nunca é sempre mais ou menos uma ilha, com assombrosos salpicos coloridos aqui e ali, e recifes de coral e embarcações suspeitas ao largo, e índios e tocas solitárias, e gnomos que são na maioria alfaiates, e cavernas por entre as quais corre um rio, e príncipes com seis irmãos mais velhos, e uma cabana caindo aos pedaços, e uma velhinha pequenina com nariz curvo. Seria um mapa fácil de fazer, se fosse só isso; mas há também o primeiro dia da escola, religião, pais, o laguinho redondo, trabalho de costura, assassinatos, enforcamentos, verbos com dativo, dia de pudim de chocolate, ganhar suspensórios, dizer “trinta e três” para o médico, receber moeda por arrancar o dente você mesmo, e assim por diante; e todas essas coisas ou fazem parte da ilha ou são outro mapa que aparece por baixo, e é tudo um tanto confuso, ainda mais porque nada fica parado no lugar.<sup>13</sup>

Nessa memória, da qual faz parte a Terra do Nunca, a contagem de tempo acontece de maneira diferente em relação à realidade. Se por um lado, na realidade, como bem explicita Bosi (1992), o momento passado já passou e, por uma questão matemática, numérica, ele não pode mais retornar,<sup>14</sup> na memória este mesmo passado pode ser resgatado e a Terra do Nunca propicia isso, colocando as crianças diante de lembranças agradáveis e/ou desagradáveis. Lá a contagem do tempo possui outra lógica, que não se assemelha à lógica da realidade, como fica explicitado abaixo:

Com o passar do tempo, será que Wendy pensava muito nos adorados pais que deixara para trás? É uma pergunta difícil, porque é quase impossível dizer como o tempo passa na Terra do Nunca, onde ele é calculado em luas e sóis; e as luas e os sóis são mais abundantes na ilha. [...] <sup>15</sup>

Duas simbologias curiosas aparecem nesta história e já antecedem a discussão a ser realizada a partir de agora neste artigo. Trata-se das folhas secas da roupa de Peter

---

13 BARRIE, 2011, p. 13 – 14.

14 BOSI, 1992, p. 20.

15 BARRIE, 2011, p. 81.



Pan e da janela aberta da casa dos Darling. Folhas secas remete o leitor a uma sensação de antigo, de esquecido, que merece ser renovado pelos ares da primavera. Talvez seja essa a impressão que Barrie quis causar quando apenas as folhas secas no chão do quarto denunciavam a presença de Peter Pan, na seguinte passagem: “Por outro lado, as folhas estavam ali. A Sra. Darling examinou-as com o maior cuidado; eram folhas secas, mas ela podia jurar que não vinham de nenhuma das árvores que cresciam na Inglaterra. [...]”<sup>16</sup>.

Peter é aquele garoto que, apesar de antigo, jamais admitiu a perda da jovialidade. Mas não assumir a passagem do tempo é quase o mesmo que tornar-se esquecido. Primeiramente, foi esquecido por seus pais, que o substituíram. Com o passar do tempo, Wendy também o esquecerá e se perguntaria vez ou outra se aquela experiência vivida na Terra do Nunca teria mesmo sido real ou não passara de um sonho. Mas como o próprio Peter compreendia o tempo? Bosi (1992) aponta duas filosofias opostas que podem explicar as diferenças de concepções temporais entre Peter e Wendy. Uma filosofia acredita que as potências dos acontecimentos se anulariam umas às outras. Assim, ao final de todos os acontecimentos, que oscilam entre o vencer e o perder, entre a vitória e a derrota, a todos espera somente a morte.<sup>17</sup> Pode ser este o tipo de pensamento que perpassa pela cabeça de Peter, um ser tão ávido por aventuras, que possivelmente esquece-se de um acontecimento para que possa encarar o seguinte com a mesma empolgação. E a morte também pode ser apreciada como uma gostosa aventura, pois é o próprio Peter quem diz: “[...] ‘Morrer vai ser uma aventura incrivelmente grandiosa.’”<sup>18</sup>.

Um processo diferente acontece com Wendy, que, mesmo estando na Terra do Nunca, cumprindo suas obrigações de mãe, sempre confiou que a janela estaria permanentemente aberta para quando ela quisesse retornar para casa. Por isso, ela se insere melhor na outra filosofia apontada por Bosi (1992), que diz que durante a passagem do tempo forças causais vão surgindo e conduzindo o indivíduo a uma justificação plena da História, a um estado superior que instauraria o reino da felicidade, sendo este o objetivo final da existência.<sup>19</sup> A janela aberta é o próprio simbolismo da memória, pois permite que alguns a atravessem e vão embora, mas também garante que aqueles que se foram terão passagem segura quando retornarem. Este é o curioso processo da lembrança; o ato de recordar é trazer à tona aquilo que já se foi há muito tempo, através da janela da memória.

Mas de onde vem a falta de memória de Peter Pan? E de onde vem a memó-

---

16 BARRIE, 2011, p. 16 – 17.

17 BOSI, 1992, p. 20

18 BARRIE, 2011, p. 98.

19 BOSI, 1992, p. 20.



ria extraordinária de Wendy? Gagnebin (2006) apresenta algumas pistas que podem ser usadas para responder a essas perguntas, citando Theodor Adorno. A respeito da memória e do esquecimento, Adorno aponta para o fato de que não é necessário nos lembrarmos de uma catástrofe ou de uma guerra em tons de comemoração. Por outro lado, é importante nunca nos esquecermos de alguns fatos para nos prevenirmos no sentido de que eles não se repitam. Nesse sentido, ele fala da necessidade de uma luta contra o esquecimento, uma vez que o desejo e a vontade de esquecer são fortes; trata-se de um esquecer natural. Mas existem as formas artificiais de esquecimento, como o não querer saber ou o fazer de conta que não sabe.<sup>20</sup>

Wendy representa, na história, a constante luta contra o esquecimento. Ela tem conhecimento dos fatos que ocorrem quando os outros se esquecem de seus antigos lares. Ela tem conhecimento da história de Peter que foi esquecido por seus pais. E ela não quer que essas situações voltem a se repetir. Por isso, ela passa grande parte do tempo na Terra do Nunca lembrando a si mesma e a seus irmãos de que têm um verdadeiro lar e de que têm pais de verdade. Isso ela busca fazer por meio de um processo que Adorno chama de *Aufklärung* (esclarecimento), ou seja, ela busca reavivar a memória apelando para a consciência racional de seus irmãos.<sup>21</sup>

[...] O que chegava a perturbá-la, por vezes, era o fato de que John se lembrava de seus pais apenas vagamente, como se fossem pessoas que ele conhecera certa vez, enquanto que Michael já estava disposto a acreditar que ela era a mãe dele de verdade. Essas coisas a deixavam um pouco assustada e, inspirada por um nobre sentimento de dever, ela tentava fixar a antiga vida nas memórias dos irmãos: aplicava testes escritos, parecidos, na medida do possível, com os que ela costumava fazer na escola. [...]<sup>22</sup>

Outro método mais sutil, porém talvez mais eficaz, adotado por Wendy para manter viva para si e para os outros a memória de seus pais foi através das histórias que ela lhes contava antes da hora de irem dormir. Vez ou outra ela relembrava a eles aquela antiga história de um cavalheiro, chamado Sr. Darling, e de uma dama chamada Sra. Darling que se casaram e tiveram três filhos e uma babá que era uma cadela. Mas os filhos voaram para a Terra do Nunca e encontraram os Meninos Perdidos. Porém, sempre que os filhos quisessem retornar para casa, a janela estaria aberta, provando a eles que seus pais jamais os esqueceriam. Os Meninos Perdidos se encantavam com a narrativa, mas Peter se entediava e se irritava com facilidade, pois estava acostumado a fazer mau juízo dos pais e dos adultos. Nesse sentido, Bosi (1992) elucida que a memó-

20 ADORNO, Negative Dialektik, 1970, p. 356 apud GAGNEBIN, 2006, p. 99 – 101.

21 ADORNO, O que significa a elaboração do passado?, 1997, p. 568 apud GAGNEBIN, 2006, p. 101 – 102.

22 BARRIE, 2011, p. 81.



ria e a linguagem são inseparáveis, pois a linguagem torna o tempo reversível e torna o passado um presente. É a linguagem que permite que a imagem das gerações anteriores seja conservada e reavivada.<sup>23</sup>

Por outro lado, Peter Pan representa a vontade de esquecer. Uma vez sendo um garoto esquecido, faz parte de sua índole esquecer os fatos e pessoas do passado, mesmo que esse passado seja extremamente próximo. Talvez seja possível dizer, nesse aspecto, que o garoto mantinha sua memória natural, justamente por não depender dele a manutenção da mesma. Afinal, alguns fatos de sua infância são inesquecíveis para ele, mesmo pertencendo a um passado longínquo. Mas Pan resistia a desenvolver a memória artificial, evitando que acontecimentos triviais viessem à tona conscientemente à sua mente.

[...] Vindo do alto, ele descia até eles ainda rindo de algo que dissera para uma estrela, mas já esquecera o que tinha dito, ou vinha de baixo com escamas de sereia ainda grudadas nele, mas sem ser capaz de dizer com certeza o que havia acontecido. [...]<sup>24</sup>

O clássico documento, já citado anteriormente, *Ad Herennium*, traz uma passagem que pode explicar os esquecimentos constantes de Peter Pan. Segundo o autor do documento, é mais fácil lembrarmos de situações impactantes que nos marcaram do que de situações triviais e corriqueiras. Por isso, o protagonista da história tem dificuldade em se lembrar de batalhas que não passaram de brincadeiras, de pessoas que estão constantemente ao seu redor, de conversas costumeiras e de situações sem relevância para ele. Por outro lado, não se esquece dos seus traumas de infância e se lembra, esporadicamente, de seu compromisso com Wendy nas primaveras. Isso significa que Wendy ocupou um espaço privilegiado na mente de Peter Pan, talvez mais do que Sininho e do que o próprio Capitão Gancho, o que fica comprovado no excerto a seguir:

Ela ansiara por conversas emocionantes sobre os velhos tempos, mas novas aventuras haviam ocupado o espaço das antigas, na mente de Peter.

- Quem é o Capitão Gancho? – ele perguntou, com muito interesse, quando Wendy mencionou o arqui-inimigo.

- Você não lembra? – ela perguntou, atônita. – Você o matou e salvou nossas vidas.

- Eu me esqueço deles depois de matá-los – ele respondeu, sem dar importância ao fato.

---

23 BOSI, 1992, p. 28 – 29.

24 BARRIE, 2011, p. 47.



Quando ela manifestou seu temor de que Sininho não ficasse feliz com a visita, Peter quis saber:

- Quem é Sininho?

- Peter! – ela exclamou, chocada.

Ele não se lembrou, nem quando Wendy entrou em detalhes.

- São tantas fadas – ele disse. – Acho que essa já morreu.<sup>25</sup>

Outra possível explicação para os esquecimentos de Peter pode ser retirada de Aristóteles, em seu *De memoria et reminiscentia*, quando ele aponta que os muito jovens e os muito velhos têm uma natural dificuldade em reter acontecimentos passados em suas mentes. Essas pessoas estão em constante transformação: os jovens por causa do crescimento e os idosos por causa de sua decadência.<sup>26</sup> Peter Pan, estando em transformações constantes (embora essas transformações não incluam o crescimento) e vivendo aventuras com muita frequência, não guardaria a maioria delas na memória, como está explicitado no trecho citado acima.

Porém, Gagnebin (2006) também cita Freud<sup>27</sup>, que considera que para evitar as queixas e o esquecimento, é necessário que o paciente esforce-se por reencenar a lembrança infeliz. Embora Peter tenha mesmo uma memória questionável, ele nunca conseguiu se esquecer do abandono dos pais e de sua substituição em seu antigo lar. Portanto, é necessário enfrentar o passado para compreendê-lo. É nesse sentido que Freud distingue o sentimento de luto do de melancolia. No primeiro, o mundo se esvazia; no segundo, o próprio eu se esvazia, pois não mais consegue se recompor do passado doloroso. Peter Pan parece se encaixar no segundo sentimento, pois o mundo à sua volta é encantador, mas o garoto se torna vazio, a ponto de não se conhecer ou de não saber qual é a sua verdadeira essência. Isso fica claro na seguinte passagem:

- Pan, quem és e o que és tu? – exclamou, rouco.

- Sou a juventude, sou a alegria – Peter respondeu sem pensar –, sou um pequeno pássaro que acaba de sair do ovo.

Isso, é claro, não tinha sentido algum; mas provava ao infeliz Gancho que Peter não fazia a mínima idéia sobre quem ou que coisa era, o que é justamente o pináculo da correção e das boas maneiras.<sup>28</sup>

Como já foi explicitado anteriormente, a arte da memória foi considerada durante muito tempo como sendo pertencente à retórica e era, por isso, estudada e pra-

25 BARRIE, 2011, p. 167.

26 ARISTÓTELES, *De memoria et reminiscentia*, 450, p. 1 – 10 *apud* YATES, 2007, p. 54.

27 FREUD, *Studienausgabe*, 1975, p. 207 – 215 *apud* GAGNEBIN, 2006, p. 103 – 105.

28 BARRIE, 2011, p. 150.



ticada por oradores que precisavam decorar seus discursos. Em proporções menores, encontramos em Wendy uma oradora, com capacidades ímpares de prender a atenção do público (composto pelos Meninos Perdidos) e de envolvê-lo em suas narrativas. O diferencial dessa oradora que encontramos no livro *Peter e Wendy* é que ela não decorou discursos, mas sim histórias. Fica evidente ao longo do livro que Wendy sabia muitas histórias, algumas decoradas em seus mínimos detalhes e outras inventadas, o que pressupõe uma excelente capacidade de criação e de improvisação da garota. Talvez encontremos aqui uma das explicações para a memória privilegiada de Wendy. É sabido que a memória artificial pode ser treinada e desenvolvida e, provavelmente, a narração de histórias tenha desenvolvido esta importante habilidade da jovem.

Aristóteles pode contribuir com essa constatação uma vez que para ele a memória e a imaginação fazem parte do mesmo pedaço da alma. E o que é possível notar é que Wendy possui bastante de ambas as habilidades. Segundo o filósofo, o conhecimento tem origem nas impressões sensoriais, que são tratadas e absorvidas pela imaginação. O diferencial da memória é que nela encontra-se um elemento temporal, uma vez que as imagens mentais são buscadas no passado e não no presente. Por outro lado, Peter pode ter aprendido a utilizar a imaginação a seu favor, mas esqueceu-se de desenvolver a memória. Sendo assim, toda a sua imaginação, para ele, adquire um caráter de realidade, como é possível notar em vários momentos do texto:

[...] mas você nunca podia saber ao certo se seria uma refeição real ou um faz de conta, tudo dependia dos caprichos de Peter. Ele podia comer, realmente comer, se a refeição fosse parte de algum jogo, mas não conseguia se empanturrar apenas pelo prazer de ficar empanturrado (...) O faz de conta era tão real, para Peter, que durante uma refeição você podia vê-lo engordar. [...] <sup>29</sup>

Wendy, todavia, poderia ser considerada, por suas atitudes, uma pessoa prudente e virtuosa no sentido com que Cícero trabalhou em seu *De inventione*:

A Prudência é o conhecimento daquilo que é bom, daquilo que é mau e daquilo que não é nem bom nem mau. Suas partes são a memória, a inteligência, a providência (memoria, intelligentia, providentia). A memória é a faculdade pela qual a mente relembra o que aconteceu. A inteligência é a faculdade pela qual a mente averigua aquilo que é. A providência é a faculdade pela qual se vê que algo acontecerá antes que ocorra. <sup>30</sup>

---

29 BARRIE, 2011, p. 80.

30 CÍCERO, *De inventione*, II, LIII, p. 160 *apud* YATES, 2007, p. 39.



Mas, mesmo assim, a garota cresceu. Segundo os psicanalistas Mário Corso e Diana Corso (2006), abandonar a infância pressupõe uma perda de identidade. É necessário abandonar determinadas linguagens e comportamentos. Ter acesso à vida adulta é, nesse ínterim, pagar o preço da “amnésia da infância”.<sup>31</sup> É por isso que Wendy, depois de crescida, passa a duvidar de suas experiências na Terra do Nunca e chega a imaginar que Peter Pan seja apenas um personagem inventado.

### Considerações finais

A memória e o esquecimento são temas bastante amplos para estarem inseridos em um único artigo. Da mesma maneira, o livro *Peter e Wendy*, de James Barrie, é um objeto empírico muito complexo que versa sobre inúmeras temáticas do universo infantil, oferecendo-nos profundas reflexões a respeito do que nos propomos a trabalhar neste artigo.

Devido a tanta complexidade e amplitude, tornou-se impossível esgotar a discussão de maneira satisfatória neste curto espaço de texto. As análises realizadas anteriormente, assim como as referências utilizadas, são ainda incipientes e insuficientes. Por isso, as explanações aqui realizadas ficam abertas para serem complementadas e/ou aprofundadas em textos futuros. Talvez seja este o grande mérito do trabalho científico; ele raramente é considerado concluído, pois a resposta a algumas questões sempre gera novas perguntas. E é dessa maneira que a ciência constrói a si mesma.

A memória liga o presente ao passado. Ela apresenta ao ser humano o processo pelo qual ele se constituiu, ou seja, como foi construída a sua identidade, como são construídas suas diferenças em relação aos demais. É por meio da memória que temos a singular capacidade de nos admirarmos diante do que se apresenta como novidade. Afinal, o que denominamos de “novo” apenas é aquilo do qual buscamos referência em nossas memórias, mas nada encontramos. Mas a memória é muito fluida e está em constante movimento; o novo, no momento seguinte, já pertence ao passado e faz parte, portanto, dos domínios da memória.<sup>32</sup>

Com certeza, não nos lembramos de tudo o tempo todo. Apenas nos lembramos daquilo que é importante, que faz sentido e que nos marcou de alguma maneira. Assim, estamos sempre oscilando entre a memória e o esquecimento, entre o ser e o não ser mais. Esse é um dos grandes mistérios da vida humana, pois precisamos de

---

31 CORSO; CORSO, 2006, p. 230.

32 ROSÁRIO, 2002.



ambos os domínios para viver.<sup>33</sup> Se, por um lado, precisamos conservar nossa parcela de folhas secas em um canto do quintal, é necessário, também, sempre deixar a janela aberta para que as folhas entrem com o vento e nos envolvam com a saudável nostalgia da memória bem trabalhada.

## Referências

BARRIE, J. M. J. M. Barrie (1860 – 1937). In:\_\_\_\_\_. **Peter Pan**: Peter e Wendy seguido de Peter Pan em Kensington Gardens. Trad. Rodrigo Breunig. Porto Alegre: L&PM, 2011, 1 – 2.

BARRIE, J. M. Peter e Wendy. In:\_\_\_\_\_. **Peter Pan**: Peter e Wendy seguido de Peter Pan em Kensington Gardens. Trad. Rodrigo Breunig. Porto Alegre: L&PM, 2011, 7 – 175.

BOSI, A. O tempo e os tempos. In: NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 19 – 32.

CORSO, D. L.; CORSO, M. Crescer ou não crescer. In:\_\_\_\_\_. **Fadas no divã**: Psicanálise nas Histórias Infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 227 – 242.

GAGNEBIN, J. M. O que significa elaborar o passado?. In:\_\_\_\_\_. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006, p. 97 – 105.

HESÍODO. **Teogonia**: A Origem dos Deuses. Trad. Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2001.

ROSARIO, C. C. do. O lugar mítico da memória. **Morpheus** – Revista Eletrônica de Ciências Humanas, v. 01, n. 01, 2002. Disponível em: <<http://www.unirio.br/morpheus-online/numero01-2000/claudiarosario.htm>>. Acesso em 01 de jan. 2013.

YATES, F. A. As Três Fontes Latinas da Arte Clássica da Memória. In:\_\_\_\_\_. **A arte da memória**. Trad. Flavia Bancher. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007, p. 17 – 45.

YATES, F. A. A Arte da Memória na Grécia: A Memória e a Alma. In:\_\_\_\_\_. **A arte da memória**. Trad. Flavia Bancher. Campinas: Ed. UNICAMP, 2007, p. 47 – 71.

\*\*\*

**Texto aceito em:** 03/06/2013. O conteúdo deste texto é de inteira responsabilidade do autor.

33 ROSÁRIO, 2002.

